

E então sai do consultório...

Eneida Iankilevich¹, Porto Alegre

A partir do retorno gradual ao atendimento presencial, no consultório, a autora reflete sobre a experiência de atendimento exclusivamente on-line acontecido ao longo de dezoito meses, durante a recente pandemia causada pelo Coronavírus. Procura pensar as repercussões na técnica psicanalítica, especialmente levando em conta o fato de o atendimento virtual ter possibilitado a continuidade dos tratamentos, mas em um arranjo externo muito diferente do habitual. A começar por ter o próprio paciente que ser responsável por prover um espaço físico para o acontecer das sessões, invertendo a habitual oferta pelo analista de um espaço privado, especialmente planejado para a psicanálise. As posições analista/ analisando, marcadas pelo uso do divã, ficaram diferentes, em função disto. Através de vinhetas clínicas, a autora vai reconhecendo a possibilidade de acontecer a psicanálise, o processo psicanalítico, nesse “outro” modelo. E se pergunta quais seriam as condições para isto. A escuta característica do método talvez seja a invariante mais reconhecível. A busca por tornar audível o conteúdo latente, por dar significado à experiência seguiu acontecendo, assim como a vivência de intensas emoções no campo. Ficam muitas questões a serem pensadas, mais questionamentos do que respostas. E uma confirmação de o método analítico poder acontecer independentemente da realidade factual. O que impõe muitas reflexões. O trabalho propõe que o estudo das vicissitudes da prática nessa outra dimensão, virtual, estabelecida através da tecnologia, especialmente o questionamento de princípios consagrados como determinantes, pode levar à produção de mais conhecimento e ao desenvolvimento de nossa disciplina. O que só acontecerá se nos encorajarmos a pôr em dúvida princípios consagrados.

Palavras-chaves: *Atendimento psicanalítico on-line; Pandemia; Técnica psicanalítica; Experiência psicanalítica*

¹ Médica psicanalista. Membro efetivo, analista de criança e adolescente, analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

Eneida Iankilevich

E então saí do consultório e passei a ficar em casa, atendendo *on-line*. Para seguir as recomendações dos profissionais de saúde que lutavam brava e arduamente contra o que se estabeleceu como uma pandemia mundial, causada por um novo Coronavírus. Altamente contagioso, letal. E desconhecido. O conhecimento precisando ser construído ao longo da batalha por salvar vidas, por diminuir a patogenicidade, criar medidas de proteção para a população humana do planeta. Saí do consultório, acredito, movida pelo medo, mas também pelo bom-senso, tentando seguir aquilo que o conhecimento científico indicava como a medida mais efetiva para tentar conter o avanço do vírus: o isolamento social. Certamente não imaginava o que viria.

I. Saí do consultório

I.1. Procurando tornar narráveis vivências inusitadas

Inacreditáveis dezoito meses depois, entre apreensiva e contente, começando a atender presencialmente alguns dos pacientes a quem vinha atendendo *on-line*. Sorte termos tido este recurso, eu penso. Mas como seria este encontro/reencontro? Na vigência dessa nova e intensa experiência, o retomar do encontro presencial, tem sido decisiva a oportunidade de pensar com os “melhores colegas”, como diz Bion (1993), o significado deste acontecimento no processo analítico. Tenho aprendido, mais uma vez, que cada dupla que estabeleço com os analisandos é única e intransferível. Dupla que vivenciei experiências peculiares, intransferíveis, nesse mais de um ano de trabalho analítico unicamente *on-line*. É esta especificidade que possibilita reconhecer, também, as invariâncias. E uma destas tem sido a reflexão conjunta sobre a diferença dos encontros presencial e virtual, como têm sido chamados. Em minha experiência, e como não poderia deixar de ser, me parece, este tema invariavelmente sempre aparece no primeiro reencontro presencial com todos os pacientes, independentemente da idade que tenham. Em geral verbalizado, algumas vezes percebido através de outra manifestação antes de ser passível de verbalização.

Freud, em 1912, encerra seu artigo *A dinâmica da transferência* com a conhecida afirmação “é impossível liquidar alguém *in absentia* ou *in effigie*” (p. 146). Refere-se à necessidade de tornar “atual e manifesto” o conflito infantil, que passa a ser vivido agora, na transferência, no encontro com o analista. Só na atualidade da vivência poderíamos “liquidá-lo”. Hoje, e em uma das múltiplas

possibilidades de entendimento psicanalítico, diríamos torná-lo pensável, elaborável, o que interferiria em sua patogenicidade.

Seriam as sessões acontecidas através de telas de computadores ou celulares encontros *in absentia* ou *in effigie*? Buscando nos dicionários, ou mesmo na tão ubíqua Wikipédia, encontramos que *in absentia* fala de alguém ausente. É um termo inicialmente jurídico, referente a processos acontecidos na ausência do réu. A expressão *in effigie* é sempre referida à representação de algo, “representação plástica da imagem de uma pessoa real ou simbólica (...); imagem, figura, retrato” (Ferreira, 1986, p. 620). Além de indicar o costume de gravar a imagem de figuras ilustres em moedas ou estátuas, a expressão também tem história de aplicação no contexto judicial. Podemos pensar que esta aplicação judicial já fala de um campo relacional como contexto da questão. E, talvez, conflituado?

Freud, em psicanálise, usou o termo em referência à transferência, eixo central da possibilidade técnica do método analítico já em 1912. Naquele então, e durante muito tempo, a possibilidade de encontros virtuais era pura ficção. Mas sinais de settings diferentes do padrão começavam a surgir, acompanhando o desenvolvimento tecnológico. O telefone como recurso para a análise acontecer, por exemplo, já foi tema de muitos debates, chegando a ser capa e tema principal de um jornal de psicanálise, muitos anos atrás (década de 1990).

A psicanálise, como aspecto da cultura em que existe, e agindo sobre esta, não é imune às modificações dos costumes, à expansão ou alterações do meio em que acontece. Por sua especificidade, procura refletir sobre as repercussões destes na constituição da subjetividade. Ou sobre seus usos (Winnicott, 1971) como indicadores da individualidade.

Antes da pandemia atual, os desenvolvimentos tecnológicos já vinham se impondo em nossa prática, levando a debates em congressos, publicações, reuniões científicas sobre o uso da internet como forma de trabalho analítico. Não se havia chegado a consenso. Mas, como costuma acontecer, a prática vinha se impondo. Houve, inclusive, tentativas de regularização, normatização desta abordagem. Em meio a estes debates, fomos atingidos pela realidade de uma pandemia por um vírus altamente contagioso. Utilizar os recursos tecnológicos disponíveis para que a conversa analítica pudesse continuar foi uma solução ao nosso alcance. E possibilitou a continuidade dos tratamentos. A única, pela obrigatoriedade do isolamento social.

Poder-se-ia chamar de “virtual” a psicanálise à distância? Se “virtual”, como descreve o dicionário (Ferreira, 1986, p. 1782), é aquilo que “existe como faculdade, porém sem exercício ou efeito atual”, ou é algo “suscetível de se realizar, potencial”, não reconheço o que eu vivenciava na clínica, onde muito “se realizava”. Vivência

Eneida Iankilevich

compartilhada com os pacientes, também perplexos diante do novo imposto pela realidade pandêmica e pela descoberta de possibilidades de manter vivo o processo analítico em uma nova realidade. Esta perplexidade, estes questionamentos, têm sido elementos constituintes de minha prática em tempos de pandemia.

O uso de sessões virtuais, que nos surpreendeu como efetivo, levanta questões que não me parece possível esgotar, especialmente na vigência desta situação que ainda nos impacta. O que é, afinal, essa conversa psicanalítica? Se pode acontecer fora das regras em que se construiu, o que constitui sua essência? O que podemos aprender com a mudança na estrutura em que ocorre a sessão quando estamos em isolamento social, aproximados por aparelhos, pela tecnologia? O que mudou? O que permanece? Algo se manterá desta prática que parece oferecer algumas facilidades, talvez especialmente anular o tempo de locomoção, ou a possibilidade de “ignorar” distâncias geográficas?

Comunicação à distância não é “*in absentia*”. Estaremos já aptos a perceber as implicações, usos, significados, na recém adquirida flexibilização do conceito de presença? Presença virtual seria *in effigie*? Mas a interação em tempo real na internet não tornaria isso diferente? Existem repercussões no estabelecimento do processo psicanalítico? Conseguiremos percebê-las, estudá-las? De que forma a simbolização, a construção de significado, são atingidas por esta invasão da realidade factual de uma pandemia que nos impôs o reconhecimento de nossa finitude? E, ao mesmo tempo, do uso de uma tecnologia, invenção humana, que nos possibilita estarmos juntos, apesar da distância física? Saberemos observar e pensar nos desdobramentos desta complexa vivência compartilhada?

Ainda não voltamos de todo à prática anterior, na qual analista e analisando aconteciam num espaço privado proporcionado pelo analista, tendo o uso do divã como posição predominante do analisando. Durante a pandemia, cabia ao paciente providenciar um ambiente privado para o encontro, o que já estabelece uma inversão de funções anteriormente estabelecidas.

Acompanhando o fortalecimento de medidas de proteção contra o vírus, a retomada dos encontros presenciais começa a acontecer, trazendo novas inquietações, impondo novas reflexões. E trazendo ansiedades para ambos os membros da dupla analítica. É deste vértice que busco construir este artigo. Inspirada em minhas perplexidades, despertadas pela violenta intrusão de uma realidade até então impensável em nosso cotidiano e em nossa prática psicanalítica. Emoções que pretendo possam vir a ser pensadas, transformadas em conhecimento. Para isso vai ser necessário tempo, que provê distanciamento crítico, e muita troca, muita conversa, muita reflexão. As considerações aqui esboçadas são tentativas de contribuir para este esforço.

1.2. Tentando transformar perplexidades em reflexões

De tantas abordagens possíveis, reconheço que o lugar do corpo no acontecer psicanalítico, notadamente por sua ausência concreta, foi o que mais me fez pensar. Freud propunha a isenção de ação motora na psicanálise como correlato à inviabilidade motora no sono, na qual possibilita a criação dos sonhos, estes via régia para o inconsciente. A abstinência de movimentos na sessão, então, favoreceria o contato com as fantasias, o acesso a material inconsciente. Penso que esta concepção introduz a noção do corpo como estruturante do *setting*.

Se durante muito tempo a psicanálise lidou com o objeto ausente, frustrador, da história do analisando, acredito, seguindo Winnicott e Green especialmente, que a clínica da presença se impôs nesta experiência inusitada de trabalhar à distância. Talvez justamente pela ausência do corpo físico e suas implicações.

Roussillon (2012) destaca a reflexividade e a associatividade como características primordiais do funcionamento da mente. Em sua leitura, “para Freud, e isso sem dúvida nunca vai se desmentir, a linguagem verbal não passa de um caso particular de linguagem (...), e ele tende a considerar o conjunto das manifestações – e singularmente, as manifestações corporais – como linguagem” (p. 72). Este autor alinha-se a esta forma de entender a comunicação no encontro analítico, destacando que “o corpo, seu gestual, suas mímicas, suas posturas, isto é, seus modos de expressão mais ou menos ‘sob controle’ do sujeito, servem também à ‘narratividade’ associativa” (p. 73). Esta narratividade, enfatiza, diferentemente da expressão verbal, “só se torna narratividade se o analista, debruçado sobre o seu sentido, a entende em seu valor potencial de mensagem” (p. 74). O que não me parece tão diferente de buscar a escuta do sentido latente sob o manifesto da expressão verbal, mas especifica a função comunicativa do corpo, ampliando o campo de possibilidades de comunicação. Roussillon afirma, nesta passagem de sua obra, e que quero enfatizar, é ser a associatividade polimórfica. Propõe, então, que “a escuta clínica deve ser polifônica; ela traz o problema da escuta das associações comportando objetos heteromorfos, heteróclitos, que misturam diferentes tipos de linguagens, tanto verbais como não verbais” (p. 74).

Pensando nas sessões *on-line*, me perguntei muitas vezes se mudam as possibilidades de comunicação e impacto quando outras fontes de percepção parecem estar impedidas. Predominaria a via intelectual? De que maneira isso pode limitar ou ser compensado em um encontro que visa escutar o inconsciente, ajudar o analisando a se perceber na vigência da experiência emocional? Ou nossa escuta analítica, se polifônica, permite alguma forma de encontro com esta polimorfia mesmo na ausência das manifestações corporais? O fato de vermos e sermos vistos apenas em cabeça, pescoço e algo do tronco, e bidimensionalmente, faz diferença?

Eneida Iankilevich

A busca por dar voz à subjetividade, ao inconsciente, prescindiria das informações comunicadas pelo corpo inteiro presente? E a questão do divã? Onde “acontece” o trabalho analítico? O que é essencial para isso? O que é complementar?

Em uma sessão final com uma analisanda que está interrompendo o processo em função de mudança de cidade, percebo ter deixado aberta a porta que liga a sala de atendimento ao “corredor de som”. Apenas eu notei isso, e num momento já avançado da sessão. O impacto que vivi foi muito intenso. Há já mais de vinte anos eu atendia nesta mesma sala. E nunca ocorrera isso. Chamei a atenção da paciente para o acontecido. Nos emocionamos, ambas. Ela falou de todo sofrimento que se dera conta de ter vivido, o qual só pudera reconhecer no processo analítico que iniciáramos e que ela continuaria com outro colega, na cidade em que ia morar. “E sempre vou ter esta porta para entrar”, me disse ela. E eu percebi em mim o impacto dessa separação e os muitos sentidos, além do trazido por ela, que poderiam estar sendo expressos nesta porta aberta (um dos significados que me ocorreram, talvez como consolo, é que a porta aberta poderia ser pensada como uma “ação interpretativa”, como descreve Ogden, 1996, p. 105). O fato de ter sido tão inadvertido o acontecimento me fez pensar na intensidade das emoções acontecidas no encontro, as derivações inconscientes possíveis na vivência das “paixões”, como denomina Bion.

Nessa mesma linha de reflexão, lembro uma intensa sessão vivida com um menino então com 8 anos e com quem era muito difícil trabalhar, especialmente pelas atuações violentas que o caracterizavam. Explosões de violência que apareceram a partir do trabalho analítico, contrastando com a passividade e desânimo que fizeram a escola sugerir aos pais tratamento para ele. *Estávamos ambos em pé, lado a lado. Tanto porque me chamara para ver o que estava fazendo como porque eu sentira que poderia ser necessário protegê-lo – e a mim – de outra eclosão de agressividade. Estava batendo furiosamente na massa de modelar que vinha usando e que me representava. Enquanto “me ouvi” dizendo “tua raiva não vai me matar!”, me percebi caída no chão! Imediatamente me ergui e, ambos assustados, tentamos pensar o acontecido. Até hoje, tantos anos depois, não sei como aquilo aconteceu: eu estava de pé, nada me tocou, ele não me atingiu e me vi caída no chão. Vale dizer que quebrei o dedo nessa queda, como depois foi constatado. Poderia isto ter acontecido *on-line*? Provavelmente haveria outra maneira de viver a emoção não simbolizada, mas seria eu atingida na mesma intensidade e responderia corporalmente, com todas as aberturas de significado inerente? Não sei, mas percebo mais difícil experimentar esta força, corporal, em sessões *on-line*. Eu supunha que a diferença na forma de comunicação e e percepção das respostas não verbais, que me pareciam ser limitadas no encontro*

virtual, criaria dificuldades à possibilidade de tornar narrativa a vivência atuada. Eu me perguntava como (e se) isso se manifestaria na experiência *on-line*.

Estas duas vivências, prévias à pandemia, me vêm à mente ao pensar questões técnicas impostas pela inusitada imposição de afastamento do meu setting (seria somente o externo?) habitual. São acontecimentos que inspiram, ainda hoje, muita reflexão em mim. Acredito, ainda que por um “ato de fé”, como sugere Bion (1993), que estes acontecimentos resultam da “polimorfia e polifonia” (Roussillon, 2012) deste complexo encontro entre duas pessoas intensamente ligadas, empenhadas em um árduo trabalho conjunto de buscar dar lugar e significado a experiências ainda não mentalizáveis, portanto impeditivas do desenvolvimento, do analisando. Em ambas as situações que descrevi, a manifestação aconteceu em mim. Podem ter sido erros meus, sem dúvida. Minha identidade analítica, porém, me faz pensar serem manifestações do/no campo de experiências emocionais “não sonhadas” que encontraram em ato um continente para se tornarem pensáveis pela dupla analítica.

Seria possível esta intensidade de comunicação em encontros virtuais? Eu não acreditava. Sempre pensei que as presenças corporais criam vias de expressão do inconsciente além das construídas pelas palavras e que seriam imprescindíveis para acessá-lo. O atendimento “à distância”, como também foi chamado, por não conter este encontro físico impediria esta via de expressão corporal, acreditava eu. E, pensava, com prejuízos ao processo psicanalítico. Mas o que vivi com os analisandos foi diferente. Encontramos outras maneiras de entrar em contato com os sentimentos, com a experiência emocional. Minha convicção na inviabilidade de um trabalho analítico sem encontro corporal precisou ser questionada, nestes quase dois anos de trabalho *on-line*. Neste período de atendimento “à distância”, vivi intensas emoções nos encontros analíticos. E surpresas. Não me parece ter se perdido a via de escuta construída no trabalho prévio. Mas percebo diferenças, que tenho procurado compreender. Ainda muito está para ser estudado, pensado. Acredito que a psicanálise possa crescer questionando, a partir da experiência de atendimento neste e outro modelo, os fundamentos de nossa prática.

Eu já tivera experiências com o trabalho à distância. Com abertura para entendimentos diversos. Algumas vezes recursos para períodos de afastamento obrigatório (trabalho em outro país por crescimento na carreira, por exemplo), com bons resultados. Em uma ocasião, o paciente e eu constatamos que a insistência em manter o atendimento à distância representava uma tentativa inconsciente de manter a ilusão onipotente de poder fazer escolhas sem arcar com as inevitáveis perdas. Este paciente decidira, ao longo da análise, mudar-se para a cidade onde sempre desejara morar, o que agora lhe seria possível, inclusive por crescimento profissional. Uma das formas que sabíamos que usava para evitar a dor era negar

Eneida Iankilevich

as perdas inerentes às escolhas. O que muitas vezes resultava em sentimento de falta de sentido na vida. Examinarmos isto se repetindo na mudança para outra cidade – especialmente por sua insistência em seguir o tratamento comigo *online* – possibilitou-lhe fazer o trabalho de luto necessário a esta mudança. Teria eu pensado da mesma forma hoje? Não sei. Teria a tentativa de negar as perdas impostas pela escolha de morar em outra cidade se expressado e sido reconhecida de outra maneira? Talvez sim. Sigo acreditando que a negação das perdas, a recusa à renúncia inevitável, teria que ser examinada, por representar um padrão defensivo muito empobrecedor e prevalente neste paciente. Não sei mais se entenderia ser a exigência de seguir a análise como se nada houvesse sinal desta negação, pois tornou-se, pela prática atual, uma possibilidade usual. Perderíamos, assim, acesso a um funcionamento que o prejudicava ou descobriríamos este funcionamento de outras maneiras? Questões como esta se impõem a partir da experiência que temos vivido. Percebo que permanece em mim a convicção de ser a escuta que fazemos, no encontro analítico, escuta que busca o “outro sentido” (inconsciente), a invariância em minha prática. O que neste analisando, naquela circunstância, naquele momento de nossa dupla, possibilitou este entendimento, que consideramos ter possibilitado desenvolvimento deste indivíduo tão capaz.

1.3. Pensando na presença dos corpos

O encontro pessoal traz dificuldades que ainda não entendemos de todo. Sabemos disso, ainda que não possamos identificar claramente o que acontece. A intensidade das emoções desencadeadas é muito forte, como atesta a evitação deste. O trabalho com adolescentes ensina desta complexidade: encontramos, desde antes do uso de computadores pessoais ser tão comum, busca de recursos de enfrentamento de situações difíceis (brigas com amigos, com namorados, para dar algum exemplo) outros que o encontro pessoal. A troca de bilhetes, nos anos 80, talvez possa ser aproximada às comunicações via *Whatsapp* e similares que hoje conhecemos. Longas conversas por escrito encaminharam muitos acontecimentos relacionais antes que recursos tecnológicos tão refinados passarem a fazer parte do cotidiano. Seria a sexualidade, a força pulsional, evitada nesse contexto? Podemos pensar que o uso do recurso a conversas não presenciais, seja nos bilhetes dos anos pré-tecnológicos, seja através da tecnologia, atende aos mesmos temores e sentimentos humanos? Acredito ser possível pensar assim. E atribuo à força das emoções despertadas no encontro presencial a busca de evitá-lo. Faz-se necessário um continente capaz de conter a experiência emocional do encontro. Ao mesmo tempo em que a experiência do encontro vai construindo continente, como os estudos do desenvolvimento têm demonstrado.

Green, em 1995, escreveu um forte artigo em que questiona o lugar dado na (então) “psicanálise atual” à sexualidade, no sentido inaugurado por Freud. Argumenta contra a mudança de ênfase desde a pulsão, a força da conflitiva edípica, para a relação dual, primitiva. A propósito de um relato de Guntrip, em que este dizia que Fairbairn, com quem se analisara, “costumava atender seus pacientes sentado à escrivaninha, e tinha conversas com eles, após as sessões, diz Green: “A escrivaninha o protegia de um relacionamento estreito, íntimo, metaforicamente sexual com o paciente, e as conversas ajudavam as sessões a serem consideradas como uma espécie de troca corriqueira” (p. 224).

Enfatiza este autor a dificuldade do analista em sustentar essa realidade analítica, assim como nossa tendência a sair “do mundo da sessão e o misturarmos com considerações que pertencem ao mundo externo” (p.225). Como não imaginar se não estamos de alguma maneira protegidos pelo trabalho à distância? E como pensar a experiência de sessões intensas, prenes de fantasias, que aconteceram, segundo os inúmeros relatos, nas duplas analíticas?

Como pensar tais controvérsias à luz de um afastamento imposto por uma realidade alheia a nossas vivências, pulsionais ou não? Evento da ordem do traumático, que excede a capacidade até então conhecida da mente. Trauma, por definição, rompe a continuidade do tecido psíquico. Um trabalhoso processo de elaboração se faz necessário para que esta ruptura não se torne ruptura definitiva, não impeça o conter e tornar pensáveis os acontecimentos. O traumático, na pandemia que vivemos, não diz respeito apenas ao afastamento social: também atualiza nossa fragilidade, nos confronta com a realidade da morte, impõe o medo realista. Podemos utilizar um recurso construído pela inteligência humana, a internet. Que sentido essa possibilidade adquiriu para cada um de nós, para cada dupla, esta possibilidade tem sido tema de trabalho analítico. E condição de acesso à subjetividade, ao conhecimento de motivações inconscientes que podem se manifestar no uso deste recurso de encontro.

Nossa clínica nos faz conhecer pessoas que não conseguiram desenvolver-se para poderem sustentar a força bruta das emoções do encontro com o outro e que ficaram limitados a “bilhetes”. Encontro que impõe, também o reconhecimento da alteridade, da exclusão. Talvez a via “bilhete/on-line” proteja do reconhecimento dos limites, da perda das idealizações de si mesmo e do outro. Proteção que interfere no reconhecimento da força da individualidade e do prazer do encontro em outra dimensão, não infantil. A mesma lógica pode estar agindo, em alguma medida, na tomada de decisão quanto à retomada do trabalho presencial no consultório?

Me percebo bastante adaptada, talvez até confortável, nesse “novo” modo de trabalhar, via tela de computador. Algo em mim, porém, segue inquieto,

Eneida Iankilevich

questionador. Que realidade é esta em que acontecem sessões *on-line* por vezes cheias de vivências muito intensas, reconhecíveis? Seria a psicanálise um trabalho predominantemente mental (intelectual, apenas, não me parece, pois as emoções se fazem intensamente presentes), verbal, que prescindiria o corpo? Por outro lado, não estaríamos, o analisando e eu, algo protegidos, pelo distanciamento físico, do impacto das outras fontes de informação e trocas que não a palavra? Por que alguns pacientes se dizem tão satisfeitos com estes encontros virtuais? É verdade que são poupados de deslocamentos que exigem disponibilidade de tempo. E, numa sociedade como essa na qual vivemos, tempo sempre faz falta. E o tempo, aqui compreendido como o tempo do acontecer psíquico, fica diferente no uso de recursos tecnológicos para criar o encontro? Eu temia, portanto, que o trabalho *on-line* viesse a criar refúgios, áreas não pensáveis, não experienciáveis, no trabalho analítico. E recomeço o atendimento presencial tomada de questionamentos. E curiosidades. Penso que será especialmente nas reflexões com os analisandos, com quem compartilhamos a experiência, que o conhecimento será gerado. E no estudar estas reflexões com colegas. O que também me motiva a escrever este texto, como uma contribuição a este necessário processo em busca de “aprender com a experiência”, com espera Bion (1962).

I.4. “Nunca mais fiquei sozinha”

Uma adolescente de 15 anos, Joana, que vinha trabalhando comigo há uns dois anos, pediu que não tivéssemos sessões on-line, que esperássemos a pandemia passar, pois “não queria falar comigo do mesmo jeito que com os amigos”. Concordei, evidentemente. Fiquei pensando, como ela, que não sabíamos o que aconteceria. Ou o que este “pedido” significava. Alguns meses depois recebi uma mensagem dela, pedindo que retomássemos o trabalho.

Em sua primeira sessão nesta modalidade, após comentários sobre a realidade que nos atingia, as modificações impostas pela pandemia e a estranheza por nos vermos “assim”, Joana disse ter resolvido retomar a análise “porque nunca mais fiquei sozinha”. O paradoxo implícito me impactou, pareceu-me colocar em palavras as inquietações que mobilizam minhas reflexões, como venho descrevendo.

“É diferente ‘ter que estar’ nas redes, por ser lá que tudo está acontecendo, e decidir ir, escolher ir ou não aos lugares onde as coisas acontecem”, disse Joana. O uso do gerúndio (nas redes as coisas “estão sempre acontecendo”) me chamou a atenção, especialmente em oposição à escolha de ir ou não aos lugares “onde as coisas acontecem”. O tempo que parece eternamente presente da vida virtual oposto ao espaço-tempo (“ir a”) da realidade factual. No transcurso do “ir a”, a possibilidade de existir, discriminar-se, construir subjetividade? “Parece um ‘não

lugar’, não “o outro lugar””, disse minha inteligente e sofrida ‘colega de trabalho’, como refere Bion (1993). Descreveu sentir não ter mais “lugar dentro”, não poder mais “ir a esse outro lugar, onde os outros estariam”. Sente-se presa, precisando responder interminavelmente para “não ficar de fora”. Diz que qualquer distração, não resposta imediata a mensagens, vira reclamação, “onde tu estavas?”. Daí o “nunca mais posso estar sozinha”.

Esta fala me remeteu a minha experiência com o paciente que estava se mudando para outra cidade. Na situação dele, pensamos estar se repetindo sua luta contra o reconhecimento da realidade, que impõe o de limites (como a separação pela distância geográfica). E a tentativa de usar o atendimento *on-line* para driblar isto. Na fala desta jovem não encontro ecos da possibilidade de usar a comunicação via internet para tentar evitar a distância e seus desdobramentos, semelhante ao que pensei com relação a este paciente, que estava se mudando para outra cidade?

“Não consigo prestar atenção nas aulas *on-line*”, reclama Joana. Sente ser diferente “ler com atenção” e “visualizar na internet”. Descreve, com evidente sofrimento, um momento em que sentiu “estar descrevendo a emoção” para a melhor amiga, “muito diferente de ter a emoção percebida por ela sem precisar falar, como acontecia quando a gente se encontrava ao vivo”. Estas palavras me pareciam ecoar com tanta fidelidade meus temores com o processo analítico *on-line*, que temi estarmos, esta analisanda e eu, compartilhando preconceitos impeditivos do aprender com a experiência. Antes mesmo do que eu pensara, e atendendo a seu pedido explícito, marco para iniciarmos sessões presenciais.

Em nosso primeiro encontro no consultório, quando a paciente entra noto que está diferente. Tem 17 anos, agora. Com o que este crescimento biológico traz de mudanças neste período tão marcante. Estamos ambas emocionadas, mas contidas. Estamos ambas de máscara, o que gera alguma estranheza, mesmo depois de tantos meses usando-as. Mas ainda não usáramos uma diante da outra, o atendimento à distância torna desnecessário este procedimento. Nos olhamos, como acontecia *on-line*. A princípio predominam as manifestações de satisfação com o encontro, observações sobre o estarmos “juntas” novamente. Joana começa a contar acontecimentos de sua vida. Percebo sentir-me algo distante, ouvindo como protocolares, talvez, suas manifestações. Me angustia nada me ocorrer. Penso no que isso significaria. E então acontece uma mudança de clima na sessão. Vou reconhecendo uma crescente dor em mim, e a paciente, aparentemente subitamente, entra em um choro silencioso que me comove profundamente. Ficamos em silêncio, vivendo juntas, me pareceu, a perplexidade diante do acontecer entre nós. Aos poucos vamos podendo dar algum sentido a essa expressão de dor que a pegou, diz, de surpresa. E a mim. Vivências de falta, de uma perda irreparável, real, acontecida

Eneida Iankilevich

anos antes, começam a aparecer na fala da analisanda. Fora esta perda que motivara o início de nosso trabalho, e certamente fora o tema em torno do qual se organizou nossa experiência. A força com que aquela dor se apresentou, neste reencontro, se apresentou, nos inundou, a ambas. É e foi possível encontrar uma explicação, construir uma hipótese para este acontecer. E entender que esta dor se tornara o molde de todas as perdas. Na especificidade do encontro analítico, a separação presentificando a vivência da interrupção definitiva, irreparável, fazia sentido. Foi possível levantar a hipótese de a distância ter sido sentida como tão impeditiva da continuidade do desenvolvimento pessoal ser um desdobramento da vivência da perda real, que, nas palavras de Joana, “dera um pause” em sua noção de si mesma. Talvez uma das motivações em sua urgência de retomar os encontros presenciais, me encontrar viva? Ocorreu-nos que esta experiência de perda tornava difícil viver as relações à distância com as amigas, acreditar que haveria vida, resposta, nestes encontros. Mesmo levando em conta que o distanciamento social age num momento vital em que o encontro pessoal, até pela oportunidade das primeiras experiências sexuais, é essencial, para Joana a distância ficou equiparada ao irreparável. Perceber a angústia vivida por Joana, dar um significado a esta, reconhecer a especificidade de sua reação a um acontecimento humano mundial, que nos colocava a todos, aparentemente, numa mesma condição, consolida a convicção da função do trabalho analítico: encontrar a individualidade que dá sentido à experiência. E possibilita outras vivências, fora desta marcada pelo traumático. Desdobra-se vida, movimento, onde acontecia o imobilizador da repetição. Assim, pensamos que a análise pudera acontecer mesmo *on-line* ao inserir estranheza em uma forma de reagir não desprovida de sentido, mas questionando a exclusividade do sentimento, a intensidade do desespero, da falta de esperança. Foi no encontro presencial que eclodiu a dor e pudemos construir hipóteses, pensamento. Acreditamos, porém, ter isso sido possível em decorrência da manutenção dos encontros via internet e dos questionamentos assim construídos. A escuta analítica, que busca o sentido inconsciente, é a invariância que conduz o processo? Pensamos, Joana e eu, que sim.

Outros fatores são acionados no encontro presencial, penso. Talvez sejam da ordem da pulsão. Pulsão entendida, seguindo Freud, como um conceito na fronteira do somático com o mental. E cuja fonte é somática. Corpo como aspecto do encontro que gera mensagens do ainda não simbolizado, que viabiliza manifestações do ainda não mentalizado? Não eram incomuns para mim reações somáticas às intensas vivências no campo analítico (dores de cabeça súbitas, arrepios, para dar alguns exemplos). Ao mesmo tempo que reconheci esta intensidade vivida *on-line*, não lembro de tê-las vivido corporalmente. O afastamento físico teria alguma

influência nisso? São questões que a experiência, agora maior, de atendimento à distância impõe.

Nessa mesma semana, minha primeira de volta ao consultório, outra vivência intensa me atinge. Tenho a primeira sessão presencial com um menino de dez anos que começara a atender, por solicitação dos pais e do colégio, via internet. O menino, que me parecera muito inteligente e intelectualizado nas sessões que tivéramos, vinha apresentando episódios de choro intenso nas aulas, fossem elas *on-line* ou mesmo presenciais, que recém tinham recomeçado. Ante qualquer acontecimento que lhe parecesse fracasso (me disse que fora muito mal numa prova, na qual acertara 13 de 14 questões, “porque os outros foram muito melhor”), irrompia num choro silencioso, mas intenso. Os pais me contaram que os colegas vinham tratando isso como “natural”, comentavam ser “o jeito do Paulo”. Nas sessões *on-line*, em que predominantemente conversávamos, esta sensibilidade a qualquer situação que vivesse como de “fracasso”, por não ter “acertado”, apareceu. Tinha teorias prontas e “conversadas com os pais” (que ficavam muito tempo em longos debates com ele sobre o que motivaria estas “reações”), portanto “absolutas”. Ante qualquer questionamento destas, ficava com lágrimas nos olhos, num emudecimento e obstaculização ao prosseguimento da reflexão. Eram momentos muito difíceis para mim, pois ao mesmo tempo que reconhecia sua dor, pensava serem derivados de um núcleo narcísico de difícil, mas imprescindível, abordagem. Uma dimensão em que possuía com os pais um lugar único, do qual não podia abrir mão (a mãe, especialmente, tinha várias vezes repetido, nos encontros iniciais, o quanto o filho era “fora da curva”, “especial”, dono de uma “inteligência fora do comum”). Ao mesmo tempo, eram intensas, muitas vezes divertidas e em geral desafiadoras as sessões. Como seria encontrá-lo ao vivo pela primeira vez? Na hora da sessão, me surpreendo ao me deparar com um menino mais alto do que eu imaginara, muito magro, bonito e expressivo mesmo com a máscara que, como eu, usava. Depois de alguns minutos nos observando, ele começou a olhar em torno. Sentara-se na mesa, onde havia material gráfico. Já me comentara desenhar “muito bem”. Mas sua atenção foi captada pelos jogos. Logo escolheu um, altamente competitivo, e iniciou uma batalha comigo, num grande esforço para ganhar, com intenso investimento justamente nisso, em ganhar de mim, a ponto de deixar de prestar atenção mais abrangente ao que se passava no jogo. Em função disso, perdeu uma ou duas vezes. A cada vez, queria recomeçar, claramente dedicado a me derrotar. E gradativamente mais violento. Percebi que isso não era surpresa para mim, pois já descobríamos que precisava ser “o melhor” sempre, mas a intensidade com que foi experimentada sua agressividade neste nosso primeiro encontro presencial deu outro sentido ao que faláramos. E esta foi uma constatação possível apenas no

Eneida Iankilevich

encontro presencial, onde a violência da imposição de ocupar o lugar de “melhor” ficou inequívoca, gerando intensas vivências contratransferenciais. Penso que os sentimentos mobilizados nos pais, e acredito que acionados em mim, ante a dor do menino, no encontro presencial tiveram menos impacto do que sua voracidade e intolerância a não ocupar o lugar que perseguia, acredito que reproduzindo algo da relação narcisicamente investida com a mãe. A individualidade se manifestou e pôde ser percebida com mais força no encontro corpo-a-corpo comigo? Assim me parece. E assim, acredito, poderemos, ele e eu, caminhar para a desconstrução deste lugar idílico que o impede de se discriminar, de se construir como indivíduo.

E, neste percurso com meus pacientes, tentando manter viva a experiência psicanalítica ante uma tão grave invasão da realidade externa, espero ir além do já conhecido da nossa prática. Saí do “mundo idílico”, em certa medida, do setting protegido que se determina pelas normas vigentes desde a fundação deste trabalho tão complexo. Precisei e preciso tornar pensável, narrável, a vivência desta modificação tão profunda no encontro com os analisandos. Buscando dar lugar às transformações inevitáveis, que lidam com a realidade, ao invés de evitá-la. Muito temos a aprender com esta vivência, uns com os outros. Preferencialmente criando aprendizado, conhecimento. O que exige suportar as perplexidades, o ainda não entendido.

II. E?

Percebo ter construído este texto com muitos relatos de situações clínicas e muitas interrogações. Isso me parece consistente com estarmos novamente vivendo uma transição. A princípio, “eu saí do consultório e passei a ficar em casa, atendendo *on-line*”. As possibilidades criadas pela vacinação e o uso de medidas protetoras, como as máscaras que referi serem um novo elemento no encontro com os analisandos, possibilitaram a retomada do trabalho nos moldes habituais. Mas isso não acontece sem perturbações. A retomada do trabalho no consultório é desejo meu, do analisando, de ambos? Não há consenso, sinto que com cada paciente acontece uma trajetória específica com cada paciente, como me parece deva ser. E isso exige trabalho, tentativa de examinar a situação sem estarmos presos dos inevitáveis preconceitos, desejos, memórias ou generalizações. E expectativas, incluindo as minhas, como psicanalista, de ser “correta tecnicamente”. E é na prática que imagino aparecerão as questões maiores: quando a realidade do tempo, ou do trânsito, para dar um exemplo trivial, tornarem mais confortável o uso da sessão *on-line*, como faremos? Ainda que a regra de tentar entender as

motivações, fantasias e significados inconscientes destes acontecimentos, ou seja, nosso trabalho propriamente dito, eu acredito que siga o essencial, enfrentaremos estes acontecimentos de uma maneira diferente. Não havia antes uma experiência de “funcionou, funciona” a ser levada em conta. Como diferenciar resistências de tentativas de não perder a sessão? Podem parecer situações fáceis de serem resolvidas, afinal a escuta analítica segue sendo o procedimento útil. Mas, a meu ver, parece acontecer uma complexização do processo. Pois, afinal, usamos o recurso quando outra medida era impossível. Sabemos que o essencial é seguirmos capazes de ouvir, de pensar com os analisandos. Mas também conhecemos os limites (e os alcances) de nosso instrumento.

E o uso do divã? Mesmo que algumas duplas tenham tentado simular um divã, ou tenham preferido o uso de chamadas de voz, muitas passaram a trabalhar frente a frente, diferentemente do que acontecia no consultório. Mas e a regressão possibilitada também pela posição no divã? Acontece de outra maneira? Em minha experiência, o acontecer da sessão estabelecia o “outro lugar” gerado no consultório, aquele em que “considerações que pertencem ao mundo externo”, como diz Green (1995), pouco interferem. O lugar do campo psicanalítico. O qual, aprendemos novamente, extrapola as paredes, as posições corporais, acontece na realidade psíquica, talvez seja possível dizer.

Sabemos que muitas indagações sobre uso do divã, entre outros aspectos do setting explícito, sempre aconteceram. Agora, temos a vivência de análises acontecidas continuamente sem o uso destes recursos. Continuadamente é um dado a ser levado em conta, pois todos vivemos momentos de modificações no setting usual, pelas mais variadas razões. Mas agora questionar estas tradições fica mais possível, em função da experiência na pandemia. Pretendo conseguir aprender a partir de e com estas questões. E aprender junto com cada analisando, pois não deve haver um único uso/entendimento dessas modificações. Nem mesmo na mesma dupla, em momentos diferentes.

Estamos, então, arriscados a perder a confiança no conhecimento adquirido ao longo de tantos anos de prática psicanalítica? Acredito, com Etchegoyen (1987), que “em psicanálise, o ponto fundamental é este: sempre há uma técnica que configura uma teoria e uma teoria que fundamenta uma técnica” (p. 5) e que “cada vez que se trata de entender a fundo um problema técnico, se passa sem sentir para o terreno da teoria” (p. 5). Afirmo este autor, e acredito que é o aspecto que mais teremos que levar em conta no enfrentamento de todo o desconhecido que se desdobra ante nós, haver “uma correlação estrita entre a teoria psicanalítica, a técnica e a investigação”, e que também “se dá, na Psicanálise, de forma singular, a relação entre a técnica e a ética” (p. 8). Coincido com sua enfática declaração

Eneida Iankilevich

de “o que dá coerência e sentido às normas técnicas de psicanálise é sua raiz ética, (...) já que seus princípios básicos, especialmente os que configuram o enquadre, se sustentam na concepção ética de uma relação de igualdade, respeito e busca da verdade” (p. 8). Precisaremos ser éticos, portanto, para enfrentarmos, com os analisandos, o risco ou de nos refugiarmos no já conhecido, tornando-o dogma protetor, ou de banalizarmos o conteúdo inconsciente subjacente aos comportamentos “escolhidos”. Sem perder a assimetria necessária ao trabalho analítico.

O que devemos, acima de tudo, acredito, a nossos analisandos, é verdade e sigilo. Para tornar possível para ambos a construção de um campo em que a verdade do analisando aconteça.

III. Então...

“Depois da última sessão passei a sentir mais falta de tudo”, disse-me Joana, que hesitara tanto em seguir a análise *on-line*, na sessão subsequente à primeira em que trabalhamos assim. Talvez esta afirmação possa ser pensada como indício de o encontro analítico, mesmo à distância, possibilitar a vivência de emoções que dão significado aos acontecimentos. Joana, que iniciara sua primeira sessão via internet tomada por medo de ter se tornado indiferente, iniciava a segunda sentindo. E sentindo falta, registrando ausências, perdas. Em nossa primeira sessão presencial, como relatei, vivemos o impacto de uma dor além das palavras. Seria possível um acontecer sem o outro? Acredito haver um desenvolvimento, desde sua decisão de retomar a análise “como fosse possível”, até o sentir e nomear as emoções, para então viver a experiência emocional comigo.

E o analista, e eu como analista? Talvez o que mais temi, durante todo o período de atendimento à distância, foi me distrair, me evadir da experiência emocional da sessão. E do árduo trabalho analítico. Não que este risco não existisse no consultório, mas percebi que se multiplicavam as oportunidades para isso: interferências da própria internet, minha necessidade de aprender a lidar com o instrumento, os ruídos da casa, ou seja, “considerações que pertencem ao mundo externo”, se ofereciam a minhas próprias resistências. Por que sentia este risco maior estando em casa? O consultório, onde recebo os analisandos, teria algum papel continente também para mim? Percebo que os momentos em que as sessões aconteciam com os pacientes no carro, por exemplo, muitas vezes me desencadeavam irritação (“por que veio, se não podia?”), me peguei sentindo em mais de uma oportunidade), ou preocupação, quando estavam dirigindo (“suspendo

E então saí do consultório...

a sessão pelo risco real a que se expõem assim?”), ou estacionados em lugares que eu não sabia se eram seguros. E a estranheza quando caminhavam “me levando” a lugares que habitualmente eu só poderia imaginar, ou introduzindo outras pessoas na sessão, mesmo que rapidamente? Tenho convicção de que todos estes acontecimentos precisam ser pensados na realidade analítica, e em alguma medida acredito que tenhamos conseguido, analisando e eu, fazê-lo. Mas me pareceu muito mais difícil distinguir exageros psicanalíticos de trabalho psicanalítico.

Retornando a meu consultório, e podendo abrir a porta, acolher a pessoa que ali está, de corpo presente como eu, retomar as rotinas específicas de cada dupla na criação renovada deste espaço-tempo momento da sessão, caracterizado pela ambiguidade (Baranger e Baranger, 1961) onde as coisas podem ser e não ser, ao mesmo tempo, me trouxe intensas emoções. E uma certa tranquilização quanto à possibilidade de vivermos, analisando e eu, esta outra realidade, a psíquica, e sobrevivermos à sessão capazes de encerrá-la e, ao nos despedirmos na mesma porta, voltar a predominar a parte não-psicótica da personalidade, usando o conceito de Bion (1967). Não se pode dizer que isso não acontecesse nas sessões *on-line*. O que eu sentia ser tão diferente, então?

O fato de eu poder preparar e oferecer um ambiente seguro, mas talvez especialmente constante me parece, pensando agora, estruturante. Por que alguns analisando aceitam rapidamente o retorno, enquanto outros hesitam? Além de considerações realísticas, mas que deveriam importar menos em nossa abordagem, acredito poderem se tornar elementos que informam sobre o processo, sobre a dupla analítica. De alguma forma, confirmo minha confiança nesta escuta que torna a conversa uma psicanálise. Escuta que não exclui outras, mas que dá especificidade ao encontro na sessão. Escuta que pergunta, que questiona, que pode não saber. E que, acredito, possibilitará que aprendamos desta intrusão da realidade externa em nosso campo, em nosso mergulhar no saber implícito. Aprendizado que pode trazer crescimento à teoria e à técnica psicanalítica. Se pudermos “não saber o que virá”, como quando saí de meu consultório e passei a atender *on-line* apenas, e como agora, que retorno. □

Abstract

And then I left the consulting room...

Considering the gradual return to the onsite sessions at her consulting room, the author ponders about the experience of exclusively holding online sessions for eighteen months, during the recent pandemic caused by Coronavirus. She tries to

Eneida Iankilevich

make sense of the repercussions on the psychoanalytical technique, particularly taking into account the fact that virtual sessions made treatment continuity possible, but in an external arrangement that is strikingly different from the usual, starting with patients becoming responsible for finding a suitable place to hold their sessions, thus inverting the traditional provision, that is, a private space provided by the analyst, one that is specially designed for psychoanalysis. Analyst/analysand roles, characterized by the use of the couch, have become diverse due to this change. Through clinical vignettes, the author starts acknowledging the possibility of making psychoanalysis, the psychoanalytical process happen in this “alternative” model. And she wonders which would be conditions to make this happen. The method’s characteristic listening might be the most recognizable invariable. The search for turning latent into audible content, for giving meaning to the experience remained, as well the experience of intense emotions in this field. However, more inquiries remain to be considered, we are left with more questions than answers. What has also become clear is that the analytical method can indeed take place regardless of factual reality. Such confirmation imposes several considerations. The paper proposes that the study of practice vicissitudes in this other dimension, which is virtual, established through technology, in particular the questioning of enshrined principles as definers, may lead to the production of more knowledge and to the development of this discipline. Yet, this can only happen if we encourage ourselves to cast doubt on those enshrined principles.

Keywords: Online psychoanalytical sessions; Pandemic; Psychoanalytical technique; Psychoanalytical experience

Resumen

Y entonces salí del consultorio...

Desde el regreso paulatino al atendimento presencial, en el consultorio, la autora reflexiona sobre la experiencia de atendimento exclusivamente en línea que tuvo lugar a lo largo de dieciocho meses, durante la reciente pandemia provocada por el Coronavirus. Busca pensar en las repercusiones en la técnica psicoanalítica, sobre todo teniendo en cuenta que el servicio virtual ha permitido la continuidad de los tratamientos, pero en una disposición externa muy diferente a la habitual. Empezando por el propio paciente tener que responsabilizarse por proporcionar un espacio físico para el acaecer de las sesiones, invirtiendo la oferta habitual del analista de un espacio privado, especialmente diseñado para el psicoanálisis. Las

posiciones de analista/analizando, marcadas por el uso del diván, se volvieron diferentes como resultado de esto. A través de viñetas clínicas, la autora reconoce la posibilidad de que el psicoanálisis, el proceso psicoanalítico, tenga lugar en este “otro” modelo. Y se pregunta cuáles serían las condiciones para esto. La escucha característica del método es quizás la invariante más reconocible. La búsqueda por hacer audible el contenido latente y por dar sentido a la experiencia siguió ocurriendo, así como la vivencia de intensas emociones en el campo. Quedaron muchas cuestiones en las que pensar, más preguntas que respuestas. Y una confirmación de que el método analítico puede tener lugar independientemente de la realidad fáctica. Lo que requiere muchas reflexiones. El trabajo propone que el estudio de las vicisitudes de la práctica en esta otra dimensión, virtual, establecida a través de la tecnología, especialmente el cuestionamiento de los principios consagrados como determinantes, puede conducir a la producción de más conocimiento y al desarrollo de nuestra disciplina, lo que solo sucederá si nos animamos a cuestionar los principios consagrados establecidos.

Palabras clave: Atendimento psicoanalítico en línea; Pandemia; Técnica psicoanalítica; Experiencia psicoanalítica

Referências

- Baranger, M. & Baranger, W. (1961). La situación analítica como campo dinámico. In *Problemas del campo psicoanalítico*. Buenos Aires: Ediciones Kargiemann, 1969.
- Bion, W.R. (1984). *Learning from experience*. London/New York: Karnac Books. (Original publicado em 1962)
- Bion, W.R. (2004). *Attention and interpretation*. London/New York: Karnac Books. (Original publicado em 1970)
- Etchegoyen, R.H. (1987). *Fundamentos da técnica psicanalítica*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- Ferreira, A.B.H. (1986). *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Freud, S. (2010). A dinâmica da transferência. In *Obras completas – Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia relatado em autobiografia [“O Caso Schreber”]: artigos sobre técnica e outros textos*, (Vol. 10, pp. 100-110). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1912).
- Green, A. (1995). Sexualidade tem algo a ver com psicanálise? In *Livro Anual de Psicanálise*, (Tomo XI, pp 217-230). São Paulo: Escuta.
- Ogden, T. (1996). O conceito de ato interpretativo. In *Os sujeitos da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Eneida Iankilevich

Roussillon, R. (2012). *Manual de prática clínica em psicologia e psicopatologia*. São Paulo, Blucher, 2019.

Winnicott, D.W. (1971). O uso de um objeto e relacionamento através de identificações. In *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Recebido em 15/09/2021

Aceito em 01/11/2021

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Ellen Andrea Bornholdt Epifanio**

Eneida Iankilevich

Av. Taquara, 564/206

90460-210 – Porto Alegre, RS – Brasil

eiankilevich@gmail.com

© Revista de Psicanálise da SPPA